La Comédiathèque

O Reverso do Cenário

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:
https://comediatheque.net

O reverso do cenário

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Poucos minutos antes de subir o pano, os atores fazem um último ensaio.
Mas um acontecimento inesperado ameaça impedir a estreia.
Uma farsa hilariante sobre as vaidades e os bastidores do mundo do teatro...

Personagens
Miguel: ator
Valencia: atriz
Gonzalo: encenador
Adela: diretora do teatro
Esmeralda: crítica teatral
Cristina: assistente de sala
Ramírez: comissário de polícia
Sánchez: adjunto do comissário
Ramón: espectador
Teresa: espectadora
João Paulo: presidente
Rosita: presidente
Maurício: dramaturgo

A maioria dos papéis pode ser desempenhada por homens ou mulheres.
O mesmo intérprete pode representar várias personagens:
os dois espectadores e os dois presidentes, por um lado,
o encenador e o autor, por outro.
Elenco possível: de 10 a 13 intérpretes.

© La Comédiathèque

Miguel e Valencia estão de pé, ele à boca de cena e ela um pouco mais atrás. Parecem esmagados pelo peso do destino.

Valencia (*com ênfase*) – O que vês pela janela, Dimitri?

Miguel volta-se para a plateia e finge agarrar as grades de uma janela imaginária para olhar lá para fora.

Miguel – Já não vejo nada, Natacha. O sol escondeu-se atrás da colina. Mas nesta escuridão pressinto os fantasmas que se preparam para nos assombrar.

Valencia – Que horas são?

Miguel – Não sei... O meu relógio parou esta manhã.

Valencia – Deus queira que não seja um mau presságio.

Miguel – Não nos deixemos levar pelas superstições, Natacha. Deve ser a pilha.

Valencia – Desculpa-me, estou um pouco nervosa. Tenho tendência para ver sinais em tudo...

Miguel (*suspirando*) – Quem poderia censurar-te, Natacha? A noite cai sobre as ruínas desta cidade desconhecida. E nem sequer sabemos se estaremos vivos para ver o próximo amanhecer.

Silêncio.

Valencia – E se voltássemos para casa, como tínhamos combinado, Dimitri? Ninguém nos obriga a ser heróis. Ainda podemos fugir...

Miguel – Já nem sei, Natacha. Não tenho o direito de te exigir este sacrifício. Mas, se fugíssemos como cobardes, como conseguiríamos olhar-nos amanhã ao espelho enquanto fazemos a barba?

Valencia – Tens razão, Dimitri, como sempre... Serei forte, prometo-te...

Miguel – Também tenho medo, Natacha, sabes...

Valencia – Tu?

Miguel – Afinal, também sou humano. Mas como abandonar estes órfãos sem pais, a quem uma doença cruel roubou até as recordações da sua infância infeliz?

Valencia – É cruel dizê-lo, Dimitri, mas, como perderam a memória, se os abandonássemos à sua sorte depressa se esqueceriam de nós...

Miguel – Sim, Natacha. Mas nós não nos esqueceríamos deles. E a lembrança desta traição iria perseguir-nos para sempre.

Valencia – Claro que temos de ficar com eles até ao fim. Mas tremo só de pensar no que nos pode acontecer... Voltaremos algum dia à nossa modesta mansão com vista para o mar, em Marbella?

Miguel – Partir ou ficar... Que dilema terrível! E Marbella é tão bonita no outono...

Valencia – Ainda vamos a tempo de mudar de ideias, Dimitri. Não temos já os cartões de embarque?

Miguel tira um cartão de embarque do bolso e contempla-o com ar desanimado.

Miguel – Sim, imprimi-os esta manhã, Natacha. Agora parecem-me tão insignificantes... *(Lendo)* EasyJet, terminal dois bê.

Valencia – Dois bê... «Two B», como se diz na língua de Shakespeare...

Miguel – «Two B or not to be». Eis a questão...

Gonzalo, o encenador, interrompe-os com aplausos vindos dos bastidores e entra em cena.

Gonzalo – Bravo! Estão completamente na pele das vossas personagens!

Valencia – Acha mesmo?

Gonzalo – Digo mais: vocês são as vossas personagens!

Miguel – Obrigado, Gonzalo.

Gonzalo – Esta noite vão ser um êxito, tenho a certeza!

Valencia – Graças a si, Gonzalo...

Miguel – Obrigado por confiar em nós para esta peça.

Valencia – Ser dirigida por Gonzalo de São Petersburgo, o encenador mais famoso e mais bem pago do teatro contemporâneo... Nem nos meus sonhos mais loucos poderia imaginar semelhante honra.

Gonzalo – Escolhi-vos porque merecem. *(Pausa)* Só uma coisinha... E isto vale para os dois. Como se chama a peça?

Miguel – O dia mesmo antes da noite...

Gonzalo – Exatamente. O título não é A noite mesmo antes do dia, mas O dia mesmo antes da noite. Percebem a diferença?

Valencia – Estou a tentar, Gonzalo... Estou a tentar...

Gonzalo – Se fosse A noite mesmo antes do dia, seria uma peça otimista! Daquelas do género «depois da tempestade vem a bonança», «há males que vêm por bem», «o que não nos mata torna-nos mais fortes»... Essas tretas todas! Mas aqui, não!

Miguel – Ah, pois... Portanto, aqui seria mais «depois da bonança vem a tempestade»...

Valencia – Ou «a calma antes da tempestade».

Gonzalo – Exatamente! Toda a tragédia da peça está resumida no título: O dia mesmo antes da noite! Quero sentir na vossa interpretação essa visão desesperada da vida tão própria da alma russa. *(Exasperado)* É uma tragédia, porra! Não estamos numa comédia ligeira de televisão!

Valencia – Ah, acha que nós...

Gonzalo – Não disse isso... Mas não é uma comédia de boulevard! Embora, evidentemente, seja uma tragédia com imenso humor. Suponho que também deram por isso.

Miguel – Claro...

Gonzalo – E não se podem esquecer da ironia das falas. O público também tem de rir!

Valencia – Claríssimo...

Gonzalo – Pronto, não digo mais nada. Não quero perturbar-vos a poucos minutos da estreia...

Valencia – Obrigada pelos conselhos, Gonzalo.

Miguel – Vão ajudar-nos imenso, de certeza...

Gonzalo – Vão ser magníficos, estou certo disso. E é bom que sejam! Porque já posso revelar-vos: Maurício Cortina, o autor, vai estar na plateia esta noite... E também Esmeralda Presa...

Valencia – A célebre crítica da revista Palco e Ecrã!

Gonzalo – Sabem bem que ela pode lançar ou afundar qualquer espetáculo. Uma boa crítica na revista Palco e Ecrã e temos o êxito garantido. Se nos deitar abaixo, é o fim. Por isso, deem tudo por tudo!

Gonzalo sai. Os dois atores entreolham-se.

Miguel – Sabias que o autor viria à estreia?

Valencia – Não...

Miguel – Até agora não estava especialmente nervoso, mas de repente sinto o medo a subir... Tu não?

Valencia – Porque o autor está na sala? Não...

Miguel – É porque tu não foste para a cama com ele para conseguir esse papel.

Valencia – Ah, então foi por isso que recusou os meus avanços... E eu que começava a duvidar dos meus encantos!

Miguel – E por falar em coisas que falham... Há uma réplica que continua a não me convencer. Não achas?

Valencia – Qual delas?

Miguel – Eu digo que o relógio parou, tu achas que é um mau presságio, e eu respondo que deve ser a pilha. É suposto ter graça?

Valencia – E tu, como é que a sentes?

Miguel – Pois, é esse o problema. Não a sinto. E se a saltasse? Sempre podia fingir que me deu uma branca...

Valencia – Se começarmos a saltar todas as falas de que não gostamos, o espetáculo dura um quarto de hora...

Miguel – Não digo que a peça de Maurício Cortina não seja interessante, mas... É exatamente o que o encenador dizia: afinal, é um drama ou uma comédia?

Valencia – Achas mesmo que se pode passar uma comédia na Chechénia, num orfanato onde todas as crianças sofrem de uma forma precoce de Alzheimer?

Miguel – Visto assim...

Valencia – Mesmo com toda a ironia do mundo, como diz Gonzalo.

Miguel – «Essa visão desesperada da existência tão característica da alma russa...» *(Com ironia)* Não sabia que Maurício Cortina era russo.

Valencia – Se calhar é por comer tanta salada russa...

Miguel olha para ela, perplexo.

Miguel – Afinal, com quem é que te deitaste para conseguir o papel?

Valencia – O encenador...

Miguel – Gonzalo... Também tentei por aí, mas não resultou. Agora percebo porquê...

Cristina, a assistente de sala, entra com um café na mão.

Cristina (*amavelmente*) – Aqui tens o café, Miguel. Com dois pacotinhos de açúcar, como pediste.

Miguel – Obrigado, querida. És um anjo.

Valencia – Olha, também me apetecia um cafezinho. Trazes-me um, Cristina? Sem açúcar, por favor.

Cristina (*sorrindo*) – Vai-te lixar, sua cabra.

Cristina retira-se.

Miguel – Sinto uma certa tensão entre vocês... Aconteceu alguma coisa?

Valencia – Ela conseguiu deitar-se com o encenador e com o autor.

Miguel – Nada mau...

Valencia – Mas o papel principal foi para mim e ela ficou como assistente de sala.

Miguel – Consigo imaginar que lhe tenha custado...

Valencia – Apesar de ser ela a ficar com as gorjetas...

Miguel – Mas quando dizes que se deitou com os dois... Foi ao mesmo tempo ou um depois do outro?

Valencia prefere não responder.

Valencia – E essa crítica, Esmeralda Presa... Tem mesmo fama de ser feroz?

Miguel – No meio teatral, chamam-lhe «Esmeralda Dentes de Aço».

Valencia – Presa é mesmo o apelido dela?

Miguel – Nem sei. Mas os dentes são verdadeiros.

Valencia medita um momento sobre esta informação.

Valencia – Fazemos uma passagem rápida ao texto?

Miguel – Vamos a isso.

Valencia repete o texto anterior a toda a velocidade, sem entoação nem movimentos.

Valencia – O que vês pela janela, Dimitri?

Miguel – Já não vejo nada, Natacha. O sol escondeu-se atrás da colina. Mas nesta escuridão pressinto os fantasmas que se preparam para nos assombrar.

Valencia – Que horas são?

Miguel – Não sei... O meu relógio parou esta manhã.

Valencia – Deus queira que não seja um mau presságio.

Miguel – Não nos deixemos levar pelas superstições, Natacha. Deve ser a pilha. *(Interrompe-se)* Não, esta réplica continua a não me sair...

Entram Adela, diretora do teatro, e Esmeralda Presa, a crítica.

Adela – O autor não está convosco? Ando à procura dele por todo o lado há um quarto de hora...

Valencia – Desculpe, não o vimos...

Adela – Conhecem Esmeralda Presa, a famosa crítica da revista Palco e Ecrã?

Miguel – Quem não conhece as críticas mordazes da senhora Presa?

Esmeralda espirra.

Esmeralda – Que poeirada! Nunca vos ocorreu pegar num pano do pó?

Adela – Quando se é alérgico ao pó, talvez seja melhor não fazer crítica de teatro.

Esmeralda – Sobretudo de teatro contemporâneo. É curioso: os clássicos muitas vezes cheiram menos a naftalina do que os autores de hoje. Shakespeare, por exemplo, continua incrivelmente moderno. Mas daqui a quinhentos anos alguém representará as peças de Maurício Cortina?

Adela – A senhora Presa queria entrevistar o autor antes do espetáculo...

Miguel (*à crítica*) – Miguel Delamar. Faço de Dimitri na peça...

Esmeralda – Senhor Delamar... Muito prazer. Só o conhecia daquela lamentável telenovela... Como se chamava? A Compota e as Moscas?

Miguel – O Mel e as Abelhas.

Esmeralda – Na televisão parecia mais alto...

Miguel – E esta é a minha colega, que faz de Natacha...

Valencia – Valencia Simpson. É uma honra conhecê-la, senhora Presa...

Esmeralda – A sua cara não me é estranha, menina Simpson. Mas não consigo lembrar-me de onde...

Valencia – A sério? E eu que me julgava inesquecível...

Esmeralda – Devo tê-la visto na televisão... Talvez num desenho animado...

Valencia – Se calhar viu-me num anúncio...

Esmeralda – Já sei! Num anúncio de papel higiénico!

Valencia – Fico muito lisonjeada por acompanhar a minha carreira com tanta atenção...

Esmeralda – Então trocou o papel higiénico pelas peças contemporâneas? Às vezes pergunto-me se não seria melhor imprimi-las nesse mesmo papel...

Valencia – Quis enfrentar novos desafios...

Esmeralda – Estou impressionada. Fala como uma executiva que acaba de aceitar um emprego a vender gelo no Polo Norte.

Valencia – Uma verdadeira artista tem de correr riscos, não acha? Questionar-se constantemente. Com esta peça, sinto que me ponho ao serviço do teatro contemporâneo e ajudo a despertar as massas trabalhadoras que o capitalismo procura embrutecer ainda mais através da televisão.

Esmeralda – E porque não? Hoje em dia toda a gente faz teatro. Até futebolistas reformados.

Adela – Já é mais difícil um ator reformado tornar-se futebolista profissional...

Esmeralda – E ainda nos vêm dar lições de moral! Ganharam fortunas em clubes estrangeiros, continuam a encher os bolsos a anunciar bancos e seguradoras, e depois sobem ao palco para denunciar os males do capitalismo...

Adela – A velhice é um naufrágio... Se Che Guevara fosse vivo, talvez anunciasse cadeiras elevatórias.

Esmeralda – Tocou no fundo, minha cara Adela.

Adela – Como disse?

Esmeralda – No fundo da questão. É essa a verdadeira tragédia humana: vivemos tempo de mais! A medicina insiste em dar-nos mais alguns meses de vida todos os anos. Depois dos trinta, um artista só consegue repetir-se ou tornar-se a sua própria caricatura. Todos os grandes artistas deviam ter morrido aos trinta. E os outros nem se fala...

Cristina, a assistente de sala, regressa com ar apavorado.

Cristina – É horrível, senhora diretora! Aconteceu uma desgraça!

Esmeralda – Esta rapariga, pelo contrário, sabe representar. Prevejo-lhe um grande futuro. Em que peça está a trabalhar?

Adela – É a nossa assistente de sala, Esmeralda. Queria ser atriz, mas não passou na audição. O que aconteceu, minha filha? Fala sem medo!

Cristina – Maurício Cortina!

Adela – O autor? Bem, e então, pequena?

Cristina – Acabei de encontrá-lo.

Adela – Ah, finalmente!

Cristina – Estava fechado na casa de banho.

Miguel – Medo da estreia, talvez... A mim também me dá frequentemente vontade de vomitar antes de entrar em palco.

Esmeralda – Vistas as peças em que tem entrado, não me admira...

Cristina – Não perceberam... O senhor Cortina está morto!

Adela – Morto? O que queres dizer exatamente com «morto»?

Cristina – Encontrei-o enforcado na casa de banho.

Adela – Cortina? Enforcado? Ainda nem sequer subimos o pano!

Cristina – Pendurado no cordão do autoclismo, senhora diretora! É uma visão horrível!

Esmeralda – E, no entanto, como assistente de sala, já deve ter visto muitas.

Adela – Muitas pessoas enforcadas na casa de banho?

Esmeralda – Muitas peças horríveis!

Adela – Ah, sim, claro...

Esmeralda – E pensar que um dramaturgo se suicida minutos antes da estreia da sua própria peça... Que estilo! Um verdadeiro artista!

Cristina – Mas não tenho a certeza de que tenha sido suicídio...

Esmeralda – Ah, não? Um acidente doméstico, talvez?

Cristina – Tinha as mãos atadas atrás das costas com fita-cola.

Adela – Com cola? Colaram-lhe as mãos?

Esmeralda – Há escritores que só assim se conseguem agarrar ao trabalho...

Cristina – Com fita-cola, senhora diretora! Um rolo inteiro!

Adela – Ah, claro... Isso muda tudo.

Esmeralda – Então pode ter sido um homicídio? Isto está cada vez melhor... Parece um daqueles melodramas de antigamente!

Miguel – Um homicídio! Que horror!

Valencia – E o assassino pode ainda estar entre nós... Temos de chamar a polícia!

Adela – Eu trato disso...

Miguel (*estendendo-lhe o telemóvel*) – Use o meu. Sei que a senhora não tem...

Esmeralda (*a Adela*) – Use antes aquele velho telefone de disco do seu gabinete. Para denunciar um crime, é muito mais teatral...

Adela – Tem razão...

Adela sai, seguida por Cristina. Gonzalo entra.

Gonzalo – Senhora Presa, espero que não tenha vindo para nos assassinar...

Esmeralda – Quanto ao autor, caro Gonzalo, parece que alguém já fez esse trabalho por mim...

Gonzalo – Mas que conversa é essa? E essas caras? O que aconteceu? Estamos prestes a subir o pano...

Miguel – Precisamente. A assistente de sala acaba de encontrar Maurício Cortina enforcado na casa de banho.

Gonzalo – É uma brincadeira?

Valencia – Infelizmente, não, Gonzalo...

Gonzalo – Então era ele quem ocupava a casa de banho há tanto tempo... Eu queria entrar e estava a perguntar-me quem... Maurício Cortina suicidou-se?

Esmeralda – Ao que parece, terá sido assassinado...

Valencia – Embora ainda não se tenha excluído completamente a hipótese de acidente de trabalho...

Miguel (*cético*) – Enforcado no cordão do autoclismo, com as mãos atadas atrás das costas?

Gonzalo – E eu à procura do meu rolo de fita-cola por todo o lado! Que horror! Não nos resta outra solução senão cancelar o espetáculo...

Valencia – Não vamos representar?

Gonzalo – Como havemos de representar uma peça com o autor ainda pendurado no cordão do autoclismo?

Miguel – Ou com alguém que o pendurou...

Esmeralda – Não podem cancelar! Já tinha escrito a crítica para adiantar trabalho...

Gonzalo – Então parece que trabalhou para nada.

Esmeralda – Bem feito. Isto é o que dá ser tão conscienciosa...

Gonzalo – Espero pelo menos que a crítica não tenha sido muito má...

Esmeralda – Não se preocupe. A diretora conhece um deputado que me pode arranjar uma condecoração pelo mérito cultural. Não vou arrasar os espetáculos do teatro dela.

Gonzalo – Já me admirava que tivesse vindo pessoalmente... Os críticos quase nunca assistem aos espetáculos sobre os quais escrevem.

Esmeralda – Não volto a cometer esse erro! Por uma vez que escrevo uma crítica favorável, já não a posso publicar.

Miguel – Não se preocupe. Se publicar uma crítica sobre um espetáculo que não chegou a acontecer, duvido que alguém repare...

Valencia – E, se ainda por cima disser bem, ninguém se queixa.

Gonzalo – De resto, já ninguém vai ao teatro.

Esmeralda – Muito menos os leitores da revista Palco e Ecrã. Há anos que só veem teatro na televisão...

Gonzalo – Então que se enforquem também no cordão do autoclismo durante os anúncios!

Esmeralda – Sabe por que razão a palavra «corda» dá azar num teatro?

Gonzalo – Até hoje não sabia, mas começo a desconfiar...

Esmeralda – Há várias explicações. Uma é que os atores ambulantes de antigamente passavam tanta fome...

Gonzalo – E muitos dos de hoje não vivem propriamente na abundância...

Esmeralda – ...que às vezes roubavam uma galinha para comer.

Gonzalo – Ainda hoje há quem viva à custa das galinhas...

Esmeralda – Por isso, depois de pisarem as tábuas do palco, não era raro acabarem a pisar as de um cadafalso, com a corda ao pescoço. A outra explicação desta superstição tem a ver com...

Cristina volta.

Cristina – Já chegou o público... O que fazemos?

Miguel – Não podemos estrear a peça como se nada tivesse acontecido! Morreu um homem!

Gonzalo – Podíamos prestar-lhe uma homenagem antes de subir o pano. Sou capaz de improvisar umas palavras...

Esmeralda – Eram muito amigos?

Gonzalo – Eu disse que era capaz de improvisar...

Esmeralda – Nesse caso, vou escrever também a necrologia. Publico-a juntamente com a crítica entusiástica de um espetáculo que nem sequer vi...

Gonzalo, Esmeralda e Cristina saem.

Valencia – E pensar que ia estrear-me hoje como protagonista... Que belo começo de carreira teatral!

Miguel – Olhemos para o lado positivo: pelo menos não vamos ter de representar esta peça deprimente. Se não precisasse de trabalhar para pagar a renda, era quase um alívio...

Valencia – O pior é que me deitei com o encenador para nada.

Miguel – Ao menos foi bom na cama?

Valencia – Nem sei bem. Adormeci antes de ele acabar... Enfim, não vamos ficar aqui plantados.

Miguel – Voltemos ao camarim enquanto esperamos por notícias...

Estão prestes a sair.

Valencia – E o autor? Era bom na cama?

Miguel – Fenomenal...

Valencia – Não foi isso que me disse a assistente de sala.

Miguel – Talvez não tenha sabido por onde lhe pegar...

Valencia – Deve ser por isso que ficou a trabalhar na sala...

Miguel e Valencia saem. Entram Adela e Cristina.

Adela – Não o tiraste da corda, pois não?

Cristina – O quê?

Adela – O enforcado! Nestes casos não se pode tocar em nada antes de chegar a polícia. É o que dizem em todas as séries policiais!

Cristina – Deixei-o exatamente como estava. Mas, se alguém precisar de ir à casa de banho...

Adela – Aguenta-se, minha filha! Ou vai ao cinema aqui ao lado. Há lá casas de banho... Onde está a senhora Presa?

Cristina – Da última vez que a vi, espreitava os camarins enquanto os atores se despiam...

Entram o comissário Ramírez e o seu adjunto Sánchez. Ambos os papéis podem ser desempenhados por homens ou mulheres.

Adela – Quem são os senhores? Entraram pela porta das traseiras?

Cristina (*à parte*) – Pela porta das traseiras... Se calhar também devia ter entrado por aí para conseguir o papel principal...

Ramírez (*mostrando a identificação*) – Tenham calma, somos da polícia. Também gostamos de histórias policiais. Sou o comissário Ramírez e este é o meu adjunto Sánchez.

Adela – Peço desculpa, comissário. Julguei que eram espectadores perdidos. Há um cinema pornográfico mesmo ao lado e alguns clientes enganam-se na porta. Aliás, são uma parte importante do nosso público. *(Apertando-lhe a mão)* Adela Frieza, diretora deste teatro.

Ramírez (*apertando-lhe a mão*) – Senhora Frieza, vê-se logo que sabe manter o sangue-frio. Que mão gelada!

Adela – Desculpe o engano, comissário. É evidente que os senhores não têm ar de frequentadores de cinemas pornográficos.

Ramírez olha em redor.

Ramírez – Então é este o teatro do crime... Já foste alguma vez ao teatro, Sánchez?

Sánchez – Em pequeno, os meus avós levavam-me às vezes a ver fantoches...

Ramírez – Não, Sánchez, teatro a sério! Shakespeare! Molière! Martinez!

Adela – Não mexemos em nada, comissário. O cadáver está na casa de banho, se quiser...

Ramírez – Vai dar uma vista de olhos, Sánchez. E vê se a vítima puxou o autoclismo antes de amarrar as mãos atrás das costas e se enforcar no cordão.

Sánchez – E se não puxou, chefe?

Ramírez – Se não puxou, recolhes o que ficou na sanita e mandas para o laboratório! *(A Adela)* Tenho de lhes ensinar tudo...

Adela – A assistente de sala mostra-lhe o caminho...

Ramírez – E não te esqueças da gorjeta, Sánchez!

Sánchez – Não sei se tenho moedas...

Cristina – Por aqui, por favor...

Cristina sai, seguida por Sánchez. Ramírez ri-se.

Ramírez – Pobre Sánchez... Acabou de entrar para a polícia. Há que lhe pregar umas partidas. Tudo por brincadeira, claro...

Adela – Presumo que queira interrogar os protagonistas deste drama...

Ramírez – Ah, é um drama? Confesso que prefiro as comédias. Com a minha profissão, já vejo cadáveres que chegue. Não preciso de os encontrar também no palco quando saio à noite com a minha mulher...

Adela – Referia-me ao homicídio, comissário.

Ramírez – Claro...

Adela – Isto se tiver sido mesmo um homicídio...

Ramírez – Hum... Não foi a senhora que o matou, pois não, Adela?

Adela – Eu, comissário?

Ramírez – Sabe, Adela, há nomes que logo à partida levantam suspeitas. O seu é um deles. A polícia conhece muito bem certos nomes...

Adela – O meu nome?

Ramírez – Nem imagina quantas Adelas já detive na minha carreira. Assassinas em série, exibicionistas...

Adela – A sério?

Ramírez – Regra geral, as Adelas são perversas narcisistas. Pouquíssimas fogem à regra. É a minha experiência...

Adela – Garanto-lhe que tenho o cadastro limpo, comissário. Tal como eu, aliás.

Ramírez – Estou a brincar, Adela!

Adela – Pregou-me um susto, comissário...

Ramírez – Talvez fique mais faladora depois de Sánchez a interrogar. Já alguma vez levou com uma lista telefónica na cabeça, senhora Geada?

Adela – Frieza... Mas julgava que esses métodos já não eram usados pela polícia...

Ramírez – Eu prefiro a delicadeza e a psicologia. Mas há quem insista nos métodos antigos... Até entre os novos agentes. O zelo dos recém-convertidos!

Adela – Mas juro-lhe, comissário, que...

Ramírez – Estava a brincar, Adela! Para alguém do teatro, não tem grande sentido de humor. E é tão importante no seu trabalho. Como no meu, aliás...

Adela – Desculpe-me, estou um pouco perturbada. Com tudo o que me caiu em cima...

Ramírez – E a crítica? Tem a certeza de que não está envolvida?

Adela – Porque faria ela uma coisa dessas?

Ramírez – Os críticos passam a vida a assassinar autores, não passam? *(Adela fica perplexa.)* Apanhei-a outra vez! Onde estão então os comediantes?

Adela – Os comediantes?

Ramírez – Os atores!

Adela – Vou chamá-los já, comissário. Quer um café ou qualquer coisa para retemperar as forças?

Ramírez – Não terá antes um bocadinho de cocaína? É muito comum no mundo do espetáculo. Antes estive na brigada antidroga. Aliás, foi lá que apanhei este vício. Estou a tentar deixar, mas já sabe como é...

Adela (*sorrindo*) – Ah, não, comissário! Desta vez não me apanha...

Ramírez – Como diz?

Adela – Está a brincar, não está?

Ramírez (*muito sério*) – Tenho ar de estar a brincar, Adela?

Adela – Vou ver o que consigo arranjar. Mas não prometo nada...

Adela sai. Ramírez ri-se.

Ramírez – Adela...

Sozinho em cena, Ramírez aproxima-se da boca de cena e assume uma pose teatral.

Ramírez (*declamando*) – Ser ou não ser...

Miguel entra sem que ele dê por isso.

Miguel – Conhece a peça, comissário?

Ramírez volta-se, surpreendido e um pouco embaraçado.

Ramírez – Quem é que não conhece?

Miguel – Maurício Cortina era um grande autor. A sua morte deixou-nos a todos órfãos...

Ramírez – Cortina?

Miguel – O dramaturgo cuja peça íamos representar esta noite! Acabaram de o encontrar enforcado no cordão do autoclismo.

Ramírez – Cortina, claro...

Miguel – Veio investigar este drama, não veio, comissário?

Ramírez – E tenciono resolvê-lo quanto antes, meu caro amigo. Então, é ator?

Miguel – Sou, comissário.

Ramírez – E o teatro é a sua atividade principal ou... tem também uma profissão a sério?

Miguel – O teatro é antes de tudo uma paixão, sabe...

Ramírez – Eu também fiz teatro na escola. Até me tem sido muito útil na profissão. Mas enfim... sou apenas um amador.

Miguel – Não diga isso! Tem uma excelente presença em palco.

Ramírez – A sério?

Miguel – E um ótimo potencial cómico.

Ramírez – Vindo de um verdadeiro profissional, isso comove-me...

Miguel – E ainda tem uma dicção impecável.

Ramírez – Ah, a dicção! Essencial! *(Articulando exageradamente)* O rato roeu a rolha da garrafa do rei da Rússia.

Miguel – Três pratos de trigo para três tigres tristes.

Ramírez – A aranha arranha a rã e a rã arranha a aranha.

Miguel – Num ninho de mafagafos, há sete mafagafinhos. Quando a mafagafa gafa, gafam os sete mafagafinhos.

Impressionado, Ramírez prepara-se para continuar, mas desiste.

Ramírez – Sim, bom, voltemos ao assunto. Nome, apelido, estado civil, profissão...

Miguel – Miguel Delamar, solteiro, ator.

Ramírez – Então, senhor Delamar, que me pode dizer sobre a vítima? Era dramaturgo, certo?

Miguel – Um dramaturgo imenso, comissário.

Ramírez – Levava uma vida dissoluta, como a maioria dos seus colegas dramaturgos?

Miguel – Não que eu saiba, comissário.

Ramírez – Tinha algum vício? Heroína, cocaína, cocacolaína...

Miguel – Não creio...

Ramírez – Amantes? Uma mulher traída, que quisesse vingar-se?

Miguel – Posso garantir que Maurício Cortina não era mulherengo.

Ramírez – E o que o leva a crer que o homem não se interessava por mulheres?

Miguel – Não disse que não se interessava. Disse que não andava atrás de saias.

Ramírez – Não tente confundir-me! Era o marido enganado, por acaso?

Miguel – De certa forma, sim...

Ramírez – Quando e onde viu a vítima pela última vez?

Miguel – Creio que foi numa primeira leitura da peça. Num motel nos arredores da cidade. Motel Paraíso, quarto 69. Há cerca de um mês, pelas duas da manhã.

Ramírez – Portanto, não foi a última pessoa a vê-lo vivo.

Miguel – No máximo, fui a última pessoa a vê-lo em cuecas...

Ramírez – Mais uma pergunta, senhor Delamar. Responda sem rodeios, desta vez...

Miguel – Sou todo ouvidos, comissário.

Ramírez – Sabe se Maurício Cortina tinha um bom seguro de vida?

Miguel – Não sei. Acha que isso pode ser o motivo do crime?

Ramírez – Que ideia! Não, tenho uma pequena herança para investir e não sei se a aplico em imobiliário ou num produto de poupança... Qual é a sua opinião?

Miguel – Os imóveis são sempre um investimento seguro a longo prazo, comissário. É o que se costuma recomendar a um pai de família.

Ramírez – Tem razão. Acho que vou investir num jazigo de família. Obrigado pela ajuda, senhor Delamar. Pode mandar-me a sua colega?

Miguel – Mando-a já, comissário. Quer dizer... vou chamá-la já.

Ramírez – Tem de trabalhar melhor a dicção, meu amigo. Três pratos de trigo para três tigres tristes...

Miguel (*interrompendo-o*) – Num ninho de mafagafos há sete mafagafinhos...

Ramírez (*interrompendo-o*) – Sim, está bem, chega de brincadeiras...

Miguel sai. Sánchez regressa.

Sánchez – Já tirei o enforcado da corda, comissário.

Ramírez – Antes de chegar a polícia científica?

Sánchez – Sei que não é muito profissional, mas assim já podemos usar a casa de banho...

Ramírez – Tens razão. Que ideia, enforcar-se num sítio daqueles... E onde puseste o corpo?

Sánchez – Pendurei-o num cabide, no camarim, junto dos figurinos. Continua a admitir a hipótese de suicídio, comissário? Mesmo com as mãos atadas atrás das costas?

Ramírez – Conheci um contorcionista que se suicidou estrangulando-se com os dedos dos pés, enquanto tinha as mãos algemadas a um radiador do meu gabinete...

Sánchez – Para fazer crer que tinha sido morto por polícias corruptos, suponho...

Ramírez – Nunca devemos confiar nas aparências, Sánchez. Por trás de qualquer contorcionista pode esconder-se um perigoso radical disposto a manchar o nome da polícia.

Sánchez – Tem razão, comissário...

Ramírez – Então, quais são as tuas conclusões?

Sánchez – Estou inteiramente de acordo, comissário. Há quem nos odeie apesar de arriscarmos a vida todos os dias...

Ramírez – Referia-me à vítima, Sánchez. Que observaste?

Sánchez – Tudo indica que morreu por enforcamento. Quer dizer, estava vivo antes de se enforcar.

Ramírez – Ou antes de o enforcarem. Cuidado com as conclusões precipitadas.

Sánchez – A vítima não parece ter oferecido resistência. Já a fita-cola que lhe prendia as mãos resistiu lindamente. Gostava de saber a marca, para comprar para a esquadra.

Ramírez – Manda uma amostra ao laboratório. De certeza que descobrem a marca. É tão difícil encontrar fita-cola de qualidade...

Sánchez – Mais um pormenor, comissário: a corda era azul...

Ramírez – Azul, percebo... E que concluis daí?

Sánchez – Nada, comissário.

Ramírez – Mais alguma coisa?

Sánchez – Sim. Tinha as calças em baixo, até aos joelhos. Estranho, não?

Ramírez – Tu não baixas as calças quando vais à casa de banho?

Sánchez – Baixo, sim. Mas não quando vou lá para me suicidar.

Ramírez olha para ele, intrigado.

Ramírez – E quantas vezes já tentaste, Sánchez?

Sánchez – Como disse, comissário?

Ramírez – Se tens problemas pessoais, podes falar comigo. Sou teu chefe, mas também teu amigo. Quase teu pai!

Sánchez – Não, queria dizer que, se eu quisesse suicidar-me e fosse à casa de banho para isso, de certeza que não baixava as calças...

Ramírez – Fico mais descansado...

Sánchez – Aliás, se quisesse suicidar-me, usava a arma de serviço, como fazem os colegas. É mais viril, não acha, comissário? Enforcar-se é mais coisa de mulheres, não é?

Valencia entra.

Ramírez – Vai enforcar-te para outro lado, Sánchez. Tenho de falar com a senhora. E aproveita para recolher o depoimento do senhor Delamar. Mas cuidado com ele: parece-me pouco sincero. Um conselho, Sánchez, não lhe vires as costas...

Sánchez sai.

Ramírez – Agora somos só nós os dois, Valencia. Importa-se que a trate por Valencia?

Valencia – De modo nenhum, comissário.

Ramírez – Primeiro, uma pergunta sobre o seu nome. Diga-me, tem alguma relação com a cidade?

Valencia – Com que cidade?

Ramírez – Valência! Também sou de lá. Veja só, já temos alguma coisa em comum...

Valencia – O senhor, comissário Ramírez, é natural de Valência?

Ramírez – Sei que perdi o sotaque. Saí de Valência aos dezoito anos, quando entrei para a Legião. Foi aí que mudei de apelido para despistar toda a gente. O meu verdadeiro nome é Roberta Zimmerman. Mas isso é outra história. E a senhora?

Valencia – Sou de origem inglesa, comissário...

Ramírez – Valencia Simpson, claro...

Valencia – Em Inglaterra, Valencia é um nome bastante comum...

Ramírez – Vá-se lá saber porquê. E no entanto não há nenhuma cidade chamada Valência em Inglaterra... Bem, voltemos ao assunto. Conhecia a vítima?

Valencia – Cruzei-me com ele uma ou duas vezes...

Ramírez – No Motel Paraíso, talvez?

Valencia – Desculpe, comissário, mas não frequento motéis. O que pensa de mim?

Ramírez – Vá lá! Toda a gente sabe que no mundo do espetáculo há uma certa liberdade de costumes. Não me diga que nunca se deitou com ninguém para conseguir um papel...

Valencia – Eu disse que não frequento motéis. Não falei de hotéis de luxo.

Ramírez – Portanto, nunca foi amante do senhor Cortina?

Valencia – Sem querer ofender o falecido, estava bem acima das possibilidades dele. Antes de fazer teatro, era uma estrela da televisão...

Ramírez – Adorei-a naquele anúncio de papel higiénico! A propósito... *(Tira uma caneta)* Importa-se de me dar um autógrafo? É para a minha mãe. Nunca perde um único anúncio seu.

Valencia – Com todo o gosto...

Sánchez entra de rompante.

Ramírez – Sim, Sánchez...

Sánchez – Desculpe interromper, comissário, mas fiz uma descoberta interessante...

Sánchez entrega um rolo de papel higiénico a Ramírez.

Ramírez – O que é isso?

Sánchez – O papel higiénico da casa de banho onde encontrámos Maurício Cortina...

Ramírez – O que queres que faça com isso? Não vês que estou ocupado?

Sánchez – O autor tinha uma bola de papel higiénico na boca. Provavelmente para não poder gritar...

Ramírez – E então?

Sánchez – É da mesma marca que a senhora anunciava na televisão há uns dez anos...

Valencia – Um pouco menos, se faz favor... Eu era quase uma criança!

Ramírez – E que concluis daí, Sánchez?

Sánchez – Nada. Mas pensei que pudesse interessar-lhe. Sempre me disse que numa investigação não se pode ignorar nenhum pormenor...

Ramírez – E interessa-me, Sánchez, interessa-me muito. Obrigado. Já podes ir...

Sánchez sai.

Valencia – Não é de estranhar que essa marca esteja aqui, comissário. O fabricante é o patrocinador oficial do nosso espetáculo.

Ramírez – Que generosidade, apoiar o teatro contemporâneo!

Valencia – E nós agradecemos colocando os seus produtos em lugar de destaque, por assim dizer. Tal como os livros da editora Papel de Cena, que publicou a peça de Maurício Cortina e que o autor ia autografar depois do espetáculo...

Ramírez – Que surpresa agradável! Importa-se de me assinar o autógrafo neste papel? Vou oferecer o rolo à minha mãe pelo Natal. Vai ser a melhor prenda que lhe posso dar.

Valencia assina o rolo de papel higiénico.

Valencia – Aqui tem, comissário...

Ramírez – Muito obrigado, Valencia. Não a incomodo mais...

Valencia – Obrigada, comissário.

Ramírez – Posso acompanhá-la ao camarim, onde imagino que vai querer despir-se, já que a representação foi cancelada...?

Valencia – Com todo o gosto, comissário.

Ramírez – Assim aproveito para investigar um pouco o local...

Valencia – Faço-lhe de guia. Por onde prefere começar?

Ramírez – Pela casa de banho, por exemplo. Já está livre...

Valencia – Siga-me, comissário...

Saem. Sánchez entra e cruza-se com Cristina, muito aflita.

Cristina – É uma catástrofe! O público já chegou todo. Se tivermos de cancelar, o que lhes dizemos? Vai haver um motim!

Sánchez – Quer que chame uma carrinha da polícia de choque para dispersar a multidão?

Cristina – Não me parece necessário... Não viu o comissário?

Sánchez – É precisamente quem procuro...

Cristina – Ele queria interrogar os espectadores. Estão aqui ao lado...

Sánchez – Todos?

Cristina – Quer que os faça entrar?

Sánchez – Faça favor. Eu trato deles.

Cristina – Por aqui, se fazem favor.

Entram Ramón e Teresa, com um ar bastante popular.

Sánchez – Só vêm os dois?

Cristina – Sabe como é, um teatro subsidiado... Os espectadores são uma espécie em vias de extinção.

Sánchez – Parecem formar um casal... E se os levássemos para a esquadra, a ver se se reproduzem em cativeiro?

Cristina – Há mais dois. Mas achei que preferia começar por interrogar os que pagaram bilhete. São os primeiros suspeitos, não?

Sánchez – E porquê?

Cristina – Entre nós... Quem é que pagaria para ver uma peça destas?

Sánchez – E como se chama a peça?

Cristina – «O dia mesmo antes da noite».

Sánchez – Pois, realmente não é muito apelativo...

Cristina – Deixo-os consigo...

Cristina sai. Sánchez observa os dois espectadores.

Sánchez – E querem convencer-me de que gostam de teatro contemporâneo?

Ramón – Não. Porquê?

Sánchez – Como assim? Vieram ver uma peça chamada O dia mesmo antes da noite, não vieram?

Teresa – Nada disso! Íamos ao cinema pornográfico aqui ao lado ver um filme chamado A Flauta Mágica.

Ramón – Devemos ter entrado na sala errada, não é, Teresa?

Teresa – Mas então o que é que estão aqui a representar?

Ramón – É uma comédia?

Teresa – É que nós, peças complicadas...

Sánchez – Não sei se vão ouvir A Flauta Mágica, mas os três toques de início também não. Houve um homicídio e o espetáculo foi cancelado.

Ramón – Mas agora já perdemos o início do filme...

Teresa – Não vamos perceber nada!

Sánchez – Vá, saiam antes que perca a paciência. Eu acompanho-vos para não se enganarem outra vez na porta...

Teresa – Posso ir à casa de banho antes de sair?

Sánchez – Pode, mas não aconselho. A última pessoa que lá entrou não saiu com vida...

Ramón e Teresa saem, acompanhados por Sánchez. Entram Adela e Gonzalo.

Adela – Bem me parecia que esta peça ia dar problemas... Não sei porquê...

Gonzalo – E logo na primeira vez que fazemos uma peça contemporânea!

Adela – Devíamos limitar-nos a representar autores mortos.

Gonzalo – Ao menos esses não correm o risco de ter um ataque cardíaco antes de subir o pano...

Adela – Mas, vendo as coisas pelo lado positivo, isto até pode dar visibilidade ao espetáculo...

Gonzalo – O cancelamento?

Adela – A morte do autor! Pode dar que falar... Porque, de resto, temos de admitir...

Gonzalo – O quê?

Adela – Vi alguns ensaios. A peça é um bocado aborrecida, não é? E, sinceramente, nunca percebi se era drama ou comédia.

Gonzalo (*pensativo*) – Não deixa de ter razão... E se foi mesmo assassinado, temos aqui um escândalo. Podemos fazer um grande êxito!

Adela – Não precisamos é de contar que o encontraram de calças em baixo, amordaçado com papel higiénico. Não é muito glamoroso...

Gonzalo – Podíamos pedir à senhora Presa que escrevesse sobre o assunto na revista Palco e Ecrã. Acha que aceita?

Adela – Não me pode recusar nada. Graças aos meus contactos políticos, vai receber uma condecoração cultural no próximo mês...

Gonzalo – A senhora Presa, condecorada? Nunca escreveu nada além de críticas assassinas a espetáculos que nem sequer viu! Acha que nos consegue uma capa na revista Palco e Ecrã?

Adela – Está-me a dever esse favor.

Saem. Regressam Ramírez e Sánchez.

Ramírez – Então, Sánchez, como vai a investigação?

Sánchez – Devagar, comissário. Interroguei os dois espectadores que pagaram, mas enganaram-se de sala. Queriam ver um filme de arte e ensaio no cinema ao lado...

Ramírez – Bem, vamos ver o que dizem os convidados. Mais alguma coisa?

Sánchez – Interroguei também a diretora. É uma mulher estranha. Não tem telemóvel... mas pode muito bem ter um motivo.

Ramírez – Um motivo? Para não ter telemóvel?

Sánchez – Não, comissário! Um motivo para matar o autor!

Ramírez – Ah... Mas parece que tens uma ideia. Desembucha.

Sánchez – Todos os teatros da cidade estão quase falidos. E os autores mortos saem mais baratos...

Ramírez – Mais baratos do que quem?

Sánchez – Do que os autores vivos...

Ramírez – Ora essa, não sabia...

Sánchez – O comissário sempre me diz que, antes de começar a investigar, devo perguntar...

Ramírez – A quem aproveita o crime?

Sánchez – Pois aqui a resposta é óbvia. Com Maurício Cortina morto, deixariam de ter de pagar direitos de autor...

Ramírez – Portanto, um bom autor é, antes de mais, um autor morto.

Sánchez – Não admira que a diretora se sinta tentada a convidar o dramaturgo para a estreia e depois a enforcá-lo na casa de banho, para parecer suicídio.

Ramírez – Sánchez, nunca tive grande opinião sobre ti, mas começo a achar que te subestimei. Vais longe na polícia...

Sánchez – Obrigado, comissário. Fico muito comovido.

Cristina entra com Rosita, uma senhora de ar aristocrático, e João Paulo, que ostenta mais medalhas na lapela do que um general de uma república das bananas.

Cristina – Desculpe interromper, comissário...

Ramírez – Quem são estes dois palhaços? Também entram na peça?

Cristina – São os espectadores com desconto. Acho que também queria interrogá-los...

Cristina sai.

Rosita – Bom dia, comissário. Sou Rosita Lorca, presidente da Sociedade dos Autores e Impostores Dramáticos.

Ramírez – Lorca... Tem algum parentesco com...?

Rosita – É um antepassado meu, embora por um ramo indireto da família...

Ramírez – Muito bem. Isso dá-lhe logo autoridade para falar em nome dos dramaturgos de hoje.

Rosita – Vim assistir à estreia da peça do senhor Maurício Cortina. Como talvez saiba, foi distinguido com o Prémio da Avenida da Liberdade para escrever esta obra.

Ramírez – Um prémio que celebra a liberdade de criação, portanto...

Rosita – Não, a Avenida da Liberdade é onde temos a sede, no número treze. É lá que o júri se reúne para deliberar com total independência...

Ramírez – E já tinha recebido o prémio antes de escrever a peça? Pensava que os prémios se davam a obras já escritas...

Rosita – Para os não iniciados, parece complicado, eu sei...

Ramírez – Por acaso o senhor Cortina também é primo afastado dos Lorca?

Rosita – Claro que não, comissário!

Ramírez – E o que tem um dramaturgo de fazer para ganhar o Prémio da Avenida da Liberdade?

Rosita – Candidatar-se anonimamente. Assim, se fizer parte do júri, não reconhece a própria candidatura...

Ramírez – Que admirável sentido de integridade...

Rosita – Depois deve indicar o tema da peça que tenciona escrever, claro.

Ramírez – Claro...

Rosita – Não escondo que há temas que consideramos mais dignos do que outros, segundo a nossa ideia do que deve ser o teatro contemporâneo.

Ramírez – Como quais, por exemplo?

Rosita – Uma peça passada na Chechénia, com médicos humanitários a sacrificar a vida por órfãos que sofrem de Parkinson, tinha tudo para merecer a nossa aprovação...

João Paulo – Se me permite, senhora presidente, era Alzheimer...

Rosita – Pois era. Já nem me lembrava...

Ramírez – Portanto, preferem temas muito sérios. Para não dizer mortalmente aborrecidos...

Rosita – Nada disso. Aceitamos temas mais leves: o desemprego dos imigrantes sem documentos, as violações nos bairros periféricos, a toxicodependência entre profissionais do espetáculo... Também temos sentido de humor!

Ramírez – Percebo. Pode rir-se de tudo, desde que seja com as pessoas certas...

Rosita – Apresento-lhe João Paulo Castanhola, presidente do Sindicato dos Dramaturgos Subsidiados. É ele quem preside ao júri. Explicar-lhe-á isto muito melhor...

João Paulo – João Paulo Castanhola, ao seu dispor, comissário. Vice-campeão nacional de petanca, distinguido com a Medalha de Mérito Agrícola e a Ordem dos Bons Serviços Municipais. Como dramaturgo mais representado da Estremadura e presidente do Sindicato dos Dramaturgos Subsidiados, creio poder falar em nome dos meus colegas.

Sánchez – Espere, estou a apontar...

Ramírez – Não vale a pena, Sánchez. Duvido que este depoimento nos ajude...

João Paulo – Acabo de saber da trágica morte de Maurício Cortina. Matar um dramaturgo, comissário, é matar o teatro!

Ramírez – Claro, João Paulo. Claro...

João Paulo – Era um escritor imenso! A sua ausência deixa um vazio no teatro contemporâneo. Que digo eu? Um buraco negro na nossa galáxia!

Ramírez – Conhecia-o pessoalmente?

João Paulo põe os óculos, tira um papel do bolso, pigarreia e começa a ler com solenidade.

João Paulo – Maurício Cortina nasceu numa família modesta da pequena burguesia lisboeta. Doutorou-se em literatura do Século de Ouro espanhol e mudou-se para o Porto para estudar teatro. Mas depressa descobriu que a sua verdadeira vocação...

Ramírez – Não é que me aborreça, mas talvez deva guardar esse discurso para o funeral...

João Paulo – Estou às suas ordens, comissário.

Ramírez – Quero saber se há alguma coisa nesta obra que possa ter ferido os interesses ou as crenças de algum grupo político ou religioso e levado ao assassinato do autor.

João Paulo – Deus nos livre, comissário! Só premiamos antecipadamente obras que não incomodem ninguém e agradem aos nossos generosos financiadores. Aliás, permita-me acrescentar que sou um grande amigo da polícia!

Ramírez – Mas essas obras chegam a ser representadas, não?

Rosita – Sinceramente, muito raramente. Mas há imensas leituras públicas, geralmente com a presença apenas dos membros do júri que as escolheram...

Entram Esmeralda e Adela.

Esmeralda – Comissário, fiz uma descoberta surpreendente!

Ramírez – Surpreendente? Refere-se à cocaína que encontrei no depósito do autoclismo, dentro de um saco hermético?

Sánchez – Encontrou cocaína na casa de banho?

Ramírez – Não me parece relevante para a investigação, por isso pensava ficar com ela para consumo próprio. Mas dava-te um pouco para pagares aos informadores...

Sánchez – Obrigado, comissário.

Esmeralda – Não estou a falar de cocaína!

Ramírez – Então de que está a falar, sua velha relíquia?

Esmeralda – Esta peça é um plágio, comissário!

Rosita – Um plágio?

Esmeralda – Acabo de descobrir que já escrevi uma crítica sobre esta porcaria há dez anos! E depois dizem que não sou conscienciosa...

Ramírez – Que porcaria?

Esmeralda – O dia mesmo antes da noite! A peça que iam estrear aqui hoje!

Ramírez – Não me diga...

Esmeralda – E o pior é que essa mesma peça já tinha ganho o Prémio da Avenida da Liberdade! O plagiador limitou-se a trocar o título. Antes chamava-se A noite mesmo antes do dia.

Sánchez – Bem, esse título é mais alegre, não é? Mais otimista...

Esmeralda – E foi escrita por um tal Maurício Cortina.

Ramírez – Mas é o nome da vítima!

Sánchez – O plagiador tem o mesmo nome do autor plagiado. Que coincidência! Isso deve ter facilitado a usurpação de identidade...

João Paulo – Não se diz que Shakespeare afinal foi escrito por outra pessoa, que curiosamente também se chamava Shakespeare?

Adela – Então o homem da casa de banho era um impostor?

Ramírez – Possivelmente também drogado e tarado sexual...

Sánchez – Porque diz isso, comissário?

Ramírez – Um tipo de cuecas na casa de banho, mãos atadas atrás das costas, uma bola de papel higiénico na boca e cocaína no depósito... Vá lá, Sánchez, isso faz-te lembrar o quê?

Sánchez – As partidas que me fez quando entrei para a polícia! Bravo, comissário! Só o senhor poderia resolver este mistério nos últimos cinco minutos do espetáculo!

Ramírez – Calma, Sánchez. Nada de conclusões precipitadas! Também pode ter sido o assassino a montar a cena para nos enganar...

Sánchez – Tem razão, comissário.

Adela – Falta saber quem era realmente a vítima. A peça pode ser um plágio, mas não se esqueçam de que temos um cadáver.

Esmeralda – Podiam ser pai e filho! Os dois chamam-se Maurício Cortina...

Adela – E o pai teria morto o filho?

Esmeralda – Muito freudiano... Mas normalmente é o filho que mata o pai, não é?

Adela – Há pais que veem os filhos como um prolongamento de si próprios. Outros, como metástases perigosas...

Sánchez – E qual seria o motivo?

Adela – O plagiador talvez quisesse eliminar o verdadeiro autor para lhe roubar a obra...

Esmeralda – Ou o verdadeiro autor quis vingar-se do plagiador.

Ramírez – Resta saber se o cadáver é o plagiador ou o plagiado. O original ou a cópia...

Adela – Desculpe, comissário, mas há aqui uma coisa que não faz sentido...

Ramírez – O quê?

Adela – Só um doido é que se lembraria de plagiar uma peça como esta!

Rosita – Relembro-lhe que esta peça ganhou o Prémio da Avenida da Liberdade!

Adela – E a senhora tem uma medalha pelo mérito profissional e nunca fez nada de útil na vida!

Ramírez – A minha teoria é esta: Maurício Cortina recebeu o dinheiro do prémio e, como não tinha inspiração, plagiou a obra do seu homónimo. Mudou-lhe apenas o título.

Adela – Ou talvez os dois Maurícios Cortinas sejam afinal a mesma pessoa. Um escritor que quis receber duas vezes o mesmo prémio com a mesma peça...

Ramírez – E a senhora, Rosita, não reparou?

Rosita – Deve ter havido um erro informático... E o senhor, João Paulo? Não percebeu que a peça era copiada? É o presidente do júri de leitura!

João Paulo – Mas, senhora presidente, o júri decide com toda a independência sobre peças que ainda não foram escritas! Como havia de perceber?

Rosita – É um imbecil, João Paulo!

João Paulo – Mas, senhora presidente...

Rosita – A Sociedade dos Autores e Impostores Dramáticos não tem rigorosamente nada a ver com esta fraude, comissário! Os nossos estatutos dizem claramente que não somos responsáveis por nada...

Ramírez – Com certeza, minha senhora...

Rosita – É melhor chamar os nossos advogados, João Paulo...

João Paulo – Para encontrarem o impostor?

Rosita – Não, idiota! Para nos livrarem de responsabilidades!

Rosita prepara-se para sair.

João Paulo (*solene*) – Estão a assassinar o teatro!

Adela – Eu acompanho-a, senhora presidente...

Rosita, João Paulo e Adela saem.

Sánchez – Já não percebo nada. Se Maurício Cortina e Maurício Cortina são o mesmo, quem matou Maurício Cortina?

Ramírez – É isso que estamos aqui a tentar descobrir, Sánchez. Mas admito que o mistério se adensa...

Entra Maurício Cortina, com o cordão do autoclismo à volta do pescoço, de cuecas, com as mãos atadas e uma bola de papel na boca.

Maurício – Mmm...

Ramírez – E quem é este agora?

Sánchez – Mas o que está ele a dizer? Não percebo nada!

Esmeralda – Talvez percebêssemos melhor se lhe tirássemos o papel higiénico da boca.

Sánchez tira-lhe o papel da boca.

Maurício – Importam-se de me desatar as mãos?

Sánchez corta a fita-cola que prende os pulsos de Maurício. Adela regressa e vê-o.

Adela – Meu Deus! Mas é...

Maurício – Sou Maurício Cortina.

Esmeralda – Então também escrevi a necrologia para nada!

Adela – É o autor, comissário. Agora pode responder às suas perguntas.

Esmeralda – Resta saber se é o verdadeiro Maurício Cortina ou alguém que lhe roubou a identidade...

Ramírez – Vamos averiguar já. Os documentos, Cortina.

Maurício suspira, mas mostra os documentos.

Maurício – Aqui estão. Satisfeito?

Ramírez passa os documentos ao adjunto.

Ramírez – Verifica a identidade deste indivíduo, Sánchez.

Sánchez examina os documentos.

Sánchez – São falsos, comissário. Vê-se logo. Nem sequer foram falsificados com jeito...

Ramírez – Portanto, parece que temos dois Cortinas...

Maurício – Claro que são falsos!

Ramírez – Confessa então? Ótimo, poupa-nos trabalho...

Maurício – Posso ver a sua identificação, comissário?

Ramírez – Mas que descaramento! Quem pensa que é, Cortina?

Maurício – O autor desta peça.

Ramírez – É o que diz. Mas esses documentos provam que não passa de um sósia...

Sánchez – Uma cortina de fumo, por assim dizer...

Maurício – Insisto, comissário. Deixe-me ver a sua identificação.

Ramírez – Se lhe dá tanto prazer... Aqui tem.

Ramírez mostra a sua identificação. Maurício entrega-a a Adela.

Maurício – Veja a senhora mesma, diretora...

Adela – Mas isto é uma identificação falsa! O comissário também é um impostor!

Ramírez – Vamos lá evitar essas palavras ofensivas...

Maurício – São todos impostores! Estão a representar uma peça de teatro!

Sánchez – Quer dizer que não somos polícias a sério, comissário?

Ramírez – Mas o que é esta história, Cortina?

Maurício – Vamos lá, não façam um drama...

Ramírez – É ou não é o autor da peça que devia estrear esta noite?

Maurício – Dessa, não. Mas sou o autor da farsa que estamos a representar agora.

Esmeralda – Teatro dentro do teatro... Que original! Como se ninguém tivesse tido essa ideia antes...

Sánchez olha novamente para a sua identificação.

Sánchez – A minha também é falsa! O que é que isso significa, comissário?

Ramírez – Que és uma marioneta, Sánchez. Como eu...

Sánchez fica arrasado.

Adela – Quando é que esta comédia acaba, Cortina?

Maurício – Não sei. Ainda não escrevi o final...

Adela – Ainda não escreveu o final?!

Maurício – Na verdade, até estava a pensar reescrever o princípio. Daí esta ressurreição inesperada, que admito poder baralhar um pouco as personagens... Ou seja, vocês.

Ramírez – Desconcertar? Se não houve homicídio, não há investigação! E sem investigação não há peça!

Adela – Que falta de profissionalismo, Cortina! Estragou-nos o espetáculo!

Ramírez – Em que sarilho nos meteu, Cortina!

Sánchez continua sem conseguir acreditar.

Sánchez – Vou prendê-lo, comissário...

Ramírez – Vá lá, Sánchez! Alguma vez viste Sherlock Holmes prender Conan Doyle? A tua pistola é de brincar, tal como a minha!

Sánchez – Não admito que manche a honra da polícia, comissário! Vai ver se a minha arma é de brincar!

Sánchez saca da pistola e dispara sobre Ramírez.

Ramírez – Socorro! É uma pistola de água a sério!

Sánchez persegue Ramírez, disparando jatos de água.

Adela – Olhe para este desastre, Cortina! O que vai dizer o público? Foi o senhor que nos meteu nisto, agora tire-nos daqui!

Maurício – Digam-me que tudo isto é um pesadelo e que vamos acordar!

Esmeralda (*declamando*) – Somos feitos da mesma matéria dos sonhos, e a nossa breve vida termina num sono.

Adela – Shakespeare... Esse sim, era um dramaturgo...

Maurício – Já estamos perigosamente perto do plágio, por isso era bom evitar as citações...

Ramírez deixa de fugir e enfrenta Sánchez.

Ramírez – Tu é que quiseste assim, Sánchez!

Ramírez saca da pistola de brincar e dispara contra Sánchez, que responde com a pistola de água.

Maurício – Como querem que invente um final para esta peça no meio desta confusão?

Adela – Cortina! Cortina!

Maurício – Que foi agora?

Adela – Não estou a chamá-lo a si! Cristina, fecha a cortina!

Maurício – Cortina? Acha mesmo que temos dinheiro para comprar uma cortina?

Ramírez e Sánchez continuam a disparar um contra o outro no meio de uma alegre confusão.

Adela – Então apaguem as luzes, pelo menos!

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Fevereiro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-157-2

Documento para download gratuito